

HONRA  
PIRATA



HELENA GRILLO MIRANDA

# HONRA PIRATA

LIVRO I - ESPADAS E PISTOLAS

plus+  
editora

Copyright © Grupo Editorial Coerência, 2021

Copyright © Helena Grillo Miranda, 2020

Todos os direitos desta edição reservados ao Grupo Editorial Coerência.  
Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida através de  
qualquer meio existente sem a autorização prévia da editora.

DIREÇÃO EDITORIAL  
**Giovanna Vaccaro**

PRODUÇÃO EDITORIAL  
**Jadna Alana**

PREPARAÇÃO  
**Leiliane Lima**

REVISÃO  
**Jadna Alana**

CAPA  
**Henrique Morais**

DIAGRAMAÇÃO  
**Michael Vasconcelos**

ILUSTRAÇÕES  
**Helena Grillo Miranda**

DADOS  
INTERNACIONAIS  
DE CATALOGAÇÃO  
NA PUBLICAÇÃO  
(CIP)

Miranda, Helena Grillo

Honra Pirata / Helena Grillo Miranda. – 1ª edição – São Paulo: Coerência, 2021

ISBN: 978-65-87068-77-0

1. Ficção brasileira 2. Fantasia. Título

CDD: 869.3



Grupo Editorial  
**coerência**



**São Paulo**

Avenida Paulista, 326,

cj 84 - Bela Vista

São Paulo | SP – 01.310-902

[www.editoracoerencia.com.br](http://www.editoracoerencia.com.br)

Dedicado a todas as jovens que só têm como companhia um livro da biblioteca da escola, mas que guardam no peito um coração tão grande que romperá todos os muros e brilhará através do tempo.





# O PRÍNCIPE E O MENDIGO

MARK TWAIN

*Melhor um pai sociopata do que pai nenhum.* Marina tentava se convencer disso enquanto ele injetava mais uma droga em seu braço. A raiva crescia no peito e se acumulava a cada experiência. Aos treze anos, ela sabia que não era diferente dos ratos de laboratório, era só mais uma cobaia.

Dessa vez, depois de alguns testes com eletrodos nos braços e na cabeça careca — ela perdera todo o cabelo nas últimas experiências com radiação, que duraram várias semanas —, o pai fez apenas algumas anotações e a liberou. Logo acabaria morrendo e estava conformada com isso. Não era como se possuísse algo pelo qual valesse a pena lutar para sobreviver.

A mãe morrera em seu parto, motivo pelo qual o pai a culpava e, por isso, dizia amar somente a outra filha, sua irmã Mônica. Quando souberam da gravidez, a ultrassonografia só mostrara um bebê. Então, optaram pelo parto normal, em casa, mas ela acabou vindo como brinde, e a mãe, já frágil após uma gravidez delicada, não suportou as complicações de seu parto. *Nem era para você existir*, pensou.

Lembrou-se quantas vezes tinha escutado essa frase. O pai repetia sempre que estava frustrado com a ausência de resultados em algum novo experimento: “Não deveria ter nascido. Se você não tivesse nascido, ela ainda estaria aqui”. Depois de um tempo, Marina apenas acreditou que era verdade.

*Serei mais forte ao passar por isso*, repetia mentalmente, tentando acreditar. Ela tentava fugir da realidade se colocando no lugar dos heróis nos livros. Se sua história de origem era tão ruim assim, pensava que o futuro haveria de ser cheio de conquistas e aventuras. Afinal, todos os heróis possuem um passado trágico. Mesmo já tendo desistido de fugir, alguém a socorreria, e ela seria como Malala ou alguma outra figura de superação, só que na versão cobaia de laboratório.

Falando em laboratório, a redoma e aquele pequeno espaço de experiências quase sempre malsucedidas eram tudo o que conhecia. Ficavam praticamente no mesmo cômodo, no interior da casa. A diferença era que o laboratório era mais fechado e escuro, enquanto a redoma tinha uma luz forte, e o teto e as paredes eram de vidro, permitindo ver os cômodos ao redor. Jogou-se na cama dura e desconfortável depois de ser empurrada para dentro pelo pai. Ao menos podia ver o céu, através do teto transparente do seu cubículo, e percebeu que o dia estava em sua metade.

Queria saber como era a cidade, se havia prédios em volta ou muitas casas. Como nunca saíra daquele cômodo, preferia imaginar uma vila pacata e aconchegante, repleta de famílias felizes ou, pelo menos, não tão disfuncionais quanto a dela. Então, olhou para o canto e viu os halteres. Não queria fazer exercícios, mas sabia que os músculos atrofiariam se não o fizesse.

*Se a redoma fosse uma bolha, eu poderia levá-la para o mar*. Ela ansiava, com todas as forças, por ver uma praia, qualquer que fosse, ou viver em um navio e ser como os marinheiros dos livros que lia: ter conquistas épicas e tesouros infinitos. Adorava livros de ficção, apesar de só conseguir lê-los às escondidas. Se pudesse, escolheria viver em um deles. Sonhava com magia, monstros, aventuras e batalhas, mas, especialmente, com um mundo no qual pudesse ser livre para conhecer todos os lugares.



Contudo não eram só os livros que a influenciavam, a televisão também. Lembrava como se fosse ontem o dia em que a recebera, quando tinha dez anos.

“Me tire daqui!”. Socara o vidro com toda a força, quebrando os próprios dedos no processo. O pai viera em seu socorro, abrindo a porta rapidamente e engessando sua mão. Apesar da preocupação aparente, Marina sabia que ele só queria que o corpo dela estivesse intacto para as experiências. Porém, para alguém naquela idade, era somente nítida a forma de cuidado e carinho, mesmo que doentio. Esquecera-se de o porquê havia perdido as estribeiras e, paralisada, o observara limpar e cuidar de sua mão já um tanto inchada.

“Vou colocar uma televisão aqui”, ele resmungara depois de terminar de engessar a mão machucada, levantando-se para sair da redoma. “Será mais fácil lidar com você alienada do que surtada.”

Mesmo com a rede aberta, ela conseguira se distrair com facilidade. Entretanto, a estratégia do pai saíra pela culatra, porque ver o que perdia do lado de fora só a fizera ter mais vontade de sair do local. Dessa vez, tentaria alcançar um êxito sem escândalos.

Assim como todas as protagonistas de livros fantásticos precisavam de uma companheira, ela necessitava de uma aliada. Por sorte, a irmã era afetuosa e esgueirava-se no meio da noite para vê-la. No início, fora por curiosidade, mas depois de conversas que correram pela madrugada, a amizade entre elas ficou forte. O laço de irmandade que as unia era suficiente para que Mônica se arriscasse indo visitá-la, mas não para fazê-la enfrentar o pai. Ela teria de encontrar uma forma de ajudar a irmã a fugir sem confrontá-lo.

— Pesquisei como te tirar daqui, como quebrar o vidro ou arrombar a entrada — suspirou —, mas não encontrei nada útil.

Ligaria para a polícia, mas, da última vez que tentei, o papai nos bateu e ninguém veio ajudar, porque pensaram que era um trote. É realmente difícil acreditar que um pai mantém a filha como cobaia — finalizou, pensativa.

*Não fomos nós que apanhamos. Você levou um cascudo, enquanto eu fui espancada. Quem sabe, você até deseje manter sua vidinha perfeita. Talvez, o fato de eu estar aqui seja mais conveniente e, provavelmente, ter nascido antes não te faça tão especial assim.* No mesmo instante, Marina se repreendeu por pensar aquilo. Mesmo não podendo dizer tais palavras, pois perderia sua única aliada, sentia certa raiva de Mônica. Imaginou várias vezes que ela poderia ser uma espiã para seu pai, testando-a em segredo, agindo de modo a torná-la, talvez, mais dócil. *Por que nunca o questiona? Por que nunca se opõe a ele?*

Era como se estivesse no livro de Mark Twain. Mônica tinha de tudo e, por isso, Marina a invejava, embora preferisse ser uma mendiga a conviver com o pai de qualquer modo que fosse. A liberdade era seu maior desejo, e a irmã, por mais que não desfrutasse de uma liberdade inesgotável, mas restrita e controlada, ainda tinha mais do que ela jamais tivera. Não existia sequer a possibilidade de trocarem de lugar, nem por um dia, dada a diferença física.

Ao contrário de sua atual careca, Mônica possuía longos fios avermelhados e cacheados. Mesmo quando ainda possuía cabelos, os seus nunca foram tão sedosos quanto os da irmã, que era também um pouco mais alta, devido à alimentação e rotina comuns.

— Eu te trouxe comida de verdade.

Mônica tirou um embrulho de alumínio que revelou duas fatias de pizza.

Marina devorou a comida, era um alívio depois de outro dia de dieta rigorosa forçada pelo pai. Sua alimentação era

importante para as experiências. Consumir nutrientes e calorias predefinidas o ajudava a tentar prever os resultados que o corpo dela apresentaria.

Mônica era um pouco mais ingênua que a irmã, mesmo tendo acesso à rua, a amigos e à escola. Era algo natural da personalidade dela. Mesmo com medo do pai, confiava nele de forma instintiva e não costumava se rebelar, nunca. A primogênita sabia que o que acontecia com a irmã era terrível, mas preferia ajudá-la oferecendo companhia, afeto e certo alívio, com as conversas e livros, a buscar um conflito com o pai, pois sabia que não teriam como sobreviver sem ele. Já tinha perdido a mãe, não queria se privar ainda mais da companhia da irmã. Só conseguia pensar em como tirá-la dali. Queria ser a heroína de Marina. Queria que elas tivessem pais que as amassem igualmente, como deveria ser.

— Quer terminar *Mau começo*, do Lemony Snicket?

— Quero, sim! — Marina exclamou, aflita pela ânsia de ter algo para ler.

Os livros eram uma fuga mais interessante que a televisão, como se cada personagem se tornasse seu amigo. Nos dias em que o pai não a requisitava para testar os experimentos, ela ficava sozinha, ansiando poder reencontrar a fantasia. O pai a havia ensinado a ler, mas não permitia romances ou livros de ficção, pois dizia que eram um desperdício.

Mônica atravessou o laboratório engatinhando, retirou o livro de baixo da blusa grossa e o passou pela entrada de comida. Era a rotina delas: sempre trazia algum livro da biblioteca da escola para a irmã ler de madrugada, longe dos olhos vigilantes de seu progenitor. Ela esperou sentada ao lado da redoma para levar o livro de volta antes de seu pai acordar.

Na manhã seguinte, ele jogou três livros pela porta de seu minúsculo habitat. Marina olhou as capas e percebeu que eram sobre História.

– Leia tudo em um mês e decore cada parte.

Era um teste, uma experiência. Ela sabia disso e foi o que fez. De dia, estudava História de 1500 a 1800, mas, à noite, devorava os livros que a irmã trazia. Ultimamente, tinha curiosidade pelas HQs, porque a leitura era rápida e dava para dormir um pouco mais. Na noite anterior, havia convencido Mônica a deixar a *grafic novel* do *Homem de Ferro* por um dia completo ali, o que nunca acontecia, já que ambas temiam que o pai pudesse proibi-las de se encontrar caso descobrisse o que faziam. Porém, antes que pudesse devolver o material ilícito, o pai abriu seu compartimento transparente naquela manhã e a requisitou para a experiência do dia. Então, seu próprio corpo teria de servir de esconderijo, por isso, enfiou a HQ na parte de trás da calça, incomodando as costas, e colocou a camisa por cima.

Mais um dia, mais um sofrimento. O pai estava possesso, a barba rala estava pingando de suor, e o rosto, vermelho. Nunca o tinha visto assim, mas sabia que era melhor ficar em silêncio. Se algo estava dando errado, não seria ela a irritá-lo ainda mais.

Ele entrou na redoma.

– Vai ficar aí parada?!

– Eu só... — começou a se explicar, mas o homem a interrompeu com um tapa, que a fez cambalear, quase caindo.

– Cala a boca! Entra no caixão!

Marina obedeceu enquanto o doutor mexia nos computadores, feroz. Nos últimos seis meses, o pai tinha trabalhado em uma máquina em forma retangular ligada a cinco computadores. Ele provavelmente havia comprado um caixão de segunda mão, porque os recursos da pesquisa eram limitados, deixando o dinheiro para o essencial.

Ela sabia bem porque ele falava sozinho quando estava nervoso. “Voltar no tempo, quase lá... Eu precisaria de um

capacitor? Não... um reator seria melhor. É... é isso.” Marina conseguira ver, de dentro da redoma, os planos que estavam em cima da mesa. De certa forma, era legal observar o pai porque entendia o amor dele pela ciência. Podia detestar todos os experimentos aos quais era submetida, mas ficava fascinada com a forma como ele fazia as coisas funcionarem usando pura e absolutamente nada além da ciência. Embora duvidasse que ele conseguisse mesmo fazer uma máquina do tempo, sabia que iria morrer tentando. Ou melhor, *ela* morreria ao longo de suas tentativas.

Demorou cinco minutos até ele voltar a pronunciar algo.

— Você deve morrer. — Não falou em forma de ameaça, mas no tom mais banal possível, como quem avisa que a sopa está quente.

Nesse estado de quase vida, a espera pela morte era algo ordinário, logo, encará-la não devia ser tão ruim. Ele conectou todos os fios à caixa e ao corpo magro da menina, trancando-a com uma tampa escura. Marina fechou os olhos com força, como se fosse tomar só mais uma injeção. Não sentiu nada.

Quando abriu os olhos, após ouvir o barulho de vidro estilhaçando, percebeu que Mônica tinha empurrado o pai, que caíra no chão, levando consigo os instrumentos da mesa. A irmã havia semiaberto uma pequena fresta na tampa da caixa e estava segurando suas mãos, tentando tirá-la daquele recipiente frio. Bem nesse momento, uma explosão cresceu em torno dos fios em suas mãos, dando um choque dolorido que atravessou seus corpos, deixando-as semiconscientes. O corpo de Mônica tombou sobre a tampa do retângulo gelado.

— Não! — O pai gritou assustado, em algum lugar que parecia distante demais.

Depois disso, veio mais uma explosão que Marina não conseguiu identificar muito bem, mas empurrou as gêmeas para lados opostos. Por fim, houve uma luz forte e silêncio.

Marina abriu os olhos e não enxergou nada além de escuridão. Ela havia morrido? Onde estaria Mônica? Não conseguia parar de pensar em tudo o que não pôde fazer em vida e todos os seus arrependimentos, até que teve a sensação de estar flutuando e sentiu o cheiro leve de maresia. Na tentativa de erguer o braço, bateu na tampa do caixão. Ela a empurrou mais para o lado, e a luz da lua invadiu seus olhos. Ao seu entorno, só viu o mar e as estrelas. O que a mantinha viva era aquele caixão. Mônica não estava por perto.

Marina tentou afastar o pensamento de morte, mas as lágrimas brotaram no seu rosto, pois tentava imaginar o que teria acontecido com a irmã. Será que estava ao mar? Tentou chamá-la, mas não houve resposta. Caso se jogasse nas águas em sua busca poderia se afogar. Sem saber o que fazer, ficou sentada ali, flutuando no meio do nada, mais sozinha do que nunca.

Começou a sentir um gosto azedo e seco na boca. Sabia que talvez levasse dias até encontrar uma embarcação ou uma ilha, isso se, de fato, não estivesse morta e tudo aquilo fosse mais do que uma grande ilusão. Colocou a mão do lado de fora e encostou os dedos na água. Era tão fria e bonita, mas se sentia culpada por sentir qualquer alívio ou fascínio, pois realizara o sonho de ver o mar, mas a irmã não estava mais ao seu lado.

Quando amanheceu, achou melhor fechar a tampa para evitar o sol forte. Marina tinha certeza de que não morreria de fome, pelo menos nisso o pai a preparara para a vida, dando o mínimo de comida possível. Contudo, no meio da tarde, conseguiu ouvir o minúsculo estômago roncar baixinho. Começou a alucinar com um hambúrguer que sua irmã a tinha

dado certa noite. Por isso, foi tão inacreditável quando viu um enorme navio se aproximar. Estremeceu quando mirou um esqueleto na proa, mas pensou que fosse tão real quanto o seu hambúrguer flutuante. Então, o ignorou, deitada e imóvel.

Apesar disso, o navio não ignoraria uma caixa flutuante como aquela. Uma embarcação menor foi lançada às águas e veio em direção a ela. Um homem enorme e forte a puxou para junto de si e a levou para a embarcação maior, deixando seu barco científico à deriva.

— É só uma criança.

Ela ouviu alguém balbuciar no que parecia ser francês. Havia visto filmes em francês na televisão. Eles falavam com biquinho e o “r” soava estranho. Ainda meio tonta por causa do calor e da leve desidratação, olhou para cima, acreditando ser mais uma miragem. O navio tinha mais cordas que uma teia de aranha. As velas eram enormes e vermelhas, e havia vários homens sem dentes, sujos e mal-encarados. Tudo isso a fazia ter certeza de que estava em um navio pirata, o que era absurdo. *A não ser que viajasse no tempo*, pensou, no meio do que julgava, cada vez mais, ser uma alucinação pós-morte.

Marina finalmente entendeu onde estava quando viu a bandeira preta sacudindo na vela mais alta. Um esqueleto com chifres ostentava seu arpão em direção a um coração sangrento; na outra mão, uma ampulheta. Aquele era o pior lugar que poderia estar: o Vingança da Rainha Ana. Percebeu, então, que aquele era o navio do Barba Negra.

